UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Conversas com as Professoras

*Tema: Neoliberalismo e a
Produção do Analfabetismo*

Palestrante: Regina Leite Garcia

25 anos do mestrado em educação
anos de luta afirmando o ensino público

Abril de 1996

Regina - Esse grupo se constituiu inicialmente em 1986 com uma característica de termos todas nós uma história de professora primária. Falo todas nós porque o único masculino está aqui, então, nós vamos generalizar a partir do feminino.

Existe grupo de pesquisa aqui na universidade cujos professores nunca foram professores da escola. Nunca puseram a mão na lama, na massa, nunca se encharcaram no cotidiano da escola pública de 1º grau, na classe de alfabetização ou na pré-escola. Uma das características do nosso grupo é, exatamente, que é de lá que a gente vem. Talvez seja por isso até que quando a gente se encontra com a professora primária a gente logo se identifica e as pessoas se identificam com a gente também. Quando cada uma de nós vai falar para um grupo de professoras não precisa se apresentar porque quando começa a falar mostra logo de onde vem, de onde fala. Apesar de estarmos hoje numa universidade temos uma forte vinculação com a escola primária e talvez daí venha o nosso inconformismo com os rumos que tomou a escola primária brasileira. Daí, essa nossa fala hoje.

Quando falo nossa não estou usando um plural estático pois, quando cada uma de nós fala, todas as demais componentes do grupo estão falando junto com a gente. Quando eu falo, Carmen está aqui falando comigo, amanhã quando ela falar, eu vou estar falando com ela. Assim também Mairce, Jaqueline, Domingos, Edwiges e as novas aquisições que chegaram e já fazem parte do grupo... enfim, quando cada uma de nós fala, está falando por esse coletivo que se constituiu durante dez anos de trajetória.

Nós todas escrevemos, publicamos, individualmente e coletivamente. Temos livros publicados, já apresentamos essa pesquisa na Anped (Associação Nacional de Pesquisadores) mais de uma vez. Fazemos parte dessa associação porque somos pesquisadores. Escrevemos artigos em inúmeras revistas de educação. Falamos dentro e fora do Brasil e por esse Brasil inteiro. Existe, porém, uma coisa que sempre incomodou ao grupo: o fato de sermos mais conhecidas por aqueles que estão longe de nós isto é, os que estão tão próximos de nós, os alunos da faculdade de educação, as professoras da rede

pública, aqui em volta dessa faculdade, conhecem menos de nós do que aqueles que estão longe e telefonam pedindo um curso, uma palestra. Isso é uma coisa que sempre incomodou ao grupo.

É por isso que esse ano tomamos como ponto de honra retomar uma conversa interrompida com as professoras da rede estadual do Rio de Janeiro, professoras primárias que estão na escola. Professoras que fizeram o 2º grau e vieram para a universidade complementar esse curso de 2º grau com o curso de 3º grau. Queremos que os nossos encontros que começam, ou melhor, recomeçam hoje, não morram, já que uma vez fizemos uma tentativa que foi morrendo e, desta vez, não queremos que isso aconteça novamente. Por isso, os nossos encontros terão uma certa periodicidade, acontecerão sempre na primeira terça-feira do mês. Vocês podem vir aqui que nós vamos estar. Venham se vocês gostarem, mas se não gostarem venham também pra dizer pra gente que não gostaram e porque não gostaram. A nossa idéia é que se estabeleça, de fato, um diálogo entre nós.

Nós professoras primárias viemos para a universidade e nos transformamos em professoras universitárias. Não entramos pela janela. Todas fizemos concurso. Entramos na universidade, nos tornamos professoras, pagamos o preço para fazer essa trajetória acadêmica, pra acabarmos reconhecidos na universidade. Porque a universidade, como todas as instituições tem seus códigos e, pra que você seja reconhecido, tem que se apropriar desses códigos. Nós pagamos esse preço fazendo os cursos de mestrado, de doutorado. Já temos no grupo algumas professoras fazendo doutorado e as outras ainda vão fazer. Eu já fiz o doutorado e fiz também concurso para professor titular. Pagamos o preço. Somos todas pesquisadoras e o que não queremos é perder o diálogo com o campo, com vocês que estão na escola. Não queremos falar uma língua que a professora não entenda. Quem já leu os nossos textos sabe disso. Edwiges escreveu um artigo intitulado " Fala português professora". Em sua condição de pesquisadora, Edwiges observando crianças na sala de aula, presenciou o apelo de uma criança à professora: - fala português professora. Nós queremos falar português. Não queremos nunca que vocês precisem dizer para nós -

fala português professora - porque não estamos entendendo o que vocês estão falando. A minha solicitação é que todas às vezes que entrarmos por esse universo cibernético da linguagem acadêmica, vocês por favor sinalizem pra gente voltar a botar o pé no chão.

A idéia é a de que a cada mês a gente se reencontre. Isso não significa que o grupo há de ser sempre o mesmo. Hoje estou aqui, amanhã posso estar de novo, mas também, posso trazer outras pessoas. O importante é que esse diálogo entre pesquisadores e pesquisadoras da academia - no caso nós - e as professoras e professores que estão na escola, possam conferir até onde as nossas intuições e as nossas teorizações dão conta do que acontece numa sala de aula de uma professora alfabetizadora.

Queremos que a teoria que vimos construindo através do nosso trabalho de pesquisa possa entrar em diálogo com a teoria que vocês constroem no cotidiano da prática pedagógica de cada uma de vocês. Confirmar ou não as nossas teorizações, confirmar ou não a teorização que vocês fazem na prática de vocês é o que a gente quer. É esse diálogo que nos parece muito rico e que gostaríamos que fosse levado. Para isso estamos preparando uma seqüência de temas que será aberta hoje com Neoliberalismo e a Produção do Analfabetismo. A idéia é que esse tema leve a outros temas que, por sua vez, desemboquem em novos temas e que cada um ou cada uma de vocês, ao final de cada encontro, leve questionamentos que possam ser confirmados ou não, na prática de vocês. E, quando voltarem para os nossos encontros, tragam a confirmação ou a negação daquilo que foi dito no encontro anterior e, através dessas questões trazidas por vocês, possamos adequar a nossa própria prática pesquisadora. A nossa idéia é de que a teoria e prática possam reestabelecer um diálogo que foi interrompido na medida em que se criou a falsa idéia de que a teoria é mais importante do que a prática, ou que a teoria é anterior a prática. O que nós vamos defender o tempo todo aqui é que existe uma relação dialética entre prática e teoria. E que não existe prática que seja absolutamente despida de teoria, pode ser que quem está exercendo a prática não tenha clareza que ali está uma teoria, mas a prática nunca é vazia de teoria. Da mesma forma que entendemos que a teoria só tem sentido - a não ser que alguém aqui

queira falar da teoria pela teoria, não é o nosso caso - para nós a teoria só tem sentido se possibilitar a cada um de nós compreender melhor a realidade na qual nós vivemos, seja ela a realidade social mais ampla, seja a realidade da escola na qual trabalhamos, seja ela a realidade da sala de aula, seja ela a realidade de mulheres que vivemos numa sociedade machista, seja ela a realidade de negros que vivemos numa sociedade racista.

A teoria só serve pra isso, para nos ajudar a compreender porque e como as coisas acontecem e, dessa forma, podermos mudar aquilo que nos incomoda, nos desagrada ou não concordamos. Essa é a idéia da série de encontros. Então, quero pedir a vocês que, ao invés de me deixarem falando aqui sozinha, me interrompam. Não esperem chegar ao final. Aquela coisa bem formal: primeiro fala a doutora, aí eu falo, falo, falo, até esgotar a minha vontade de falar e perguntar se vocês têm alguma coisa a dizer. Em geral, não é nem assim que se fala. Em geral é assim: abre-se espaço para as perguntas. Que perguntas vocês têm a me fazer? Porque eu sou o oráculo que responde a todas as perguntas.

A nossa proposta é diferente disso. A nossa proposta é que a gente comece a falar e vocês nos interrompam, levantando a mão, falando e trazendo outras situações que tenham vivido, outras posições ou então, confirmando aquilo que a gente diz. Ilustrando com a prática de vocês ou então, querendo discutir uma determinada afirmação que tenha sido feita e por alguma razão: não entenderam, não concordam ou concordam tanto que querem falar também. A idéia é que, de fato, a gente estabeleça entre nós esse diálogo.

Nós vamos gravar esses encontros e o que vamos fazer com isso ainda não sabemos mas, de repente, essas nossas conversas se forem de fato conversas, se for de fato diálogo, podemos transcrever e devolver pra vocês e depois levar o texto pelo Brasil afora e trazê-lo de volta para que possamos retomá-lo.

A nossa idéia, coerente com que a gente defende, é que não fiquemos nós com a teoria e vocês com a prática, se não continua tudo como antes. A nossa idéia é divulgar pra vocês qual é a teoria da qual a gente está se valendo. Então nós pretendemos levantar uma bibliografia, aliás a nossa idéia inicial era de que nesse primeiro encontro nós oferecêssemos pra vocês uma bibliografia básica sobre a questão da alfabetização. Ficamos devendo. Eu podia não dizer e aí ficava o dito pelo não dito, mas eu quero dizer. O que eu quero dizer que nem sempre a gente consegue tudo que gostaria de fazer. Nós gostaríamos sim de ter trazido hoje já mimeografada uma bibliografia básica e que todos pudessem receber porém, como nós tínhamos pressa de começar e parece que a pressa é inimiga da perfeição - o senso comum diz isso, nesse caso foi - nós não tivemos tempo de atualizar a nossa bibliografia e de trazer para vocês. Fica a dívida. No próximo encontro, que será em maio, esperamos trazer não apenas essa bibliografia básica de alfabetização, mas também uma bibliografia referente ao tema que eu vou tratar hoje e ao segundo tema que vai ser tratado no próximo encontro em maio. Se eu não trouxer nos cobrem porque essa é uma das formas da gente dar consequência ao que fala.

Isso posto vamos ao nosso tema. Para os que chegaram agora quero insistir que não vim aqui fazer discurso, se fosse para isso eu pegava um dos inúmeros textos que já escrevi e mandava pra vocês. Até é mais fácil ler do que ficar falando. Eu não vim aqui para fazer discurso. Eu vim aqui pra que a gente discutisse esta questão que parece ao nosso grupo fundamental. Todo mundo que está num curso de pedagogia e também a professora que está na sala de aula alfabetizando, em geral, pensa que alfabetização é uma questão de métodos e técnicas. O nosso grupo não trabalha nessa perspectiva. Se vocês forem esperar que um dia apareça aqui um método novo, mirabolante, milagroso para que vocês possam voltar para a escola e alfabetizar todas as crianças, desistam antes de começar. Porque não é isso que a gente vai fazer. Nós vamos fazer aqui a discussão política da alfabetização. E é por isso que a gente abre com essa tema "Neoliberalismo e Analfabetismo". Por quê? Porque a gente quer discutir com vocês o que é que foi acontecendo na sociedade brasileira pra nós sermos um dos países que tem os mais altos índices de analfabetismo do mundo. E que cada vez que

entra um governo novo, diz que vai erradicar o problema. A elite que trabalha com palavras vai traduzindo: ora vai erradicar o problema do analfabetismo, ora vai matar o analfabetismo. Cada governo novo pensa que vai fazer isso, a gente sorri e diz assim: vai ser difícil. Mas a gente sabe de algumas sociedades que alfabetizaram toda a população. Como? Quantos? A gente vai discutir isso com vocês. Por que é que algumas sociedades alfabetizaram toda a sua população. Nunca foi problema alfabetizar, até leigos alfabetizaram. Num país como Cuba a população inteira que sabia ler foi alfabetizar a outra parte da população que não sabia ler, sem fazer curso de pedagogia, sem conhecer o construtivismo - não que eu tenha algum problema com o construtivismo - mas sem conhecer o construtivismo, sem conhecer o último método que apareceu no último livro ou que a supervisora ou a diretora da escola, ou a supervisora do Instituto de Educação, ou a Secretária de Educação determina que todo mundo alfabetize com aquele método. Sem nada disso, apenas com um livrinho embaixo do braço e o desejo de alfabetizar, os cubanos alfabetizaram todo mundo. Nós não vamos perder tempo aqui discutindo método. A gente pode até a chegar discutir método pra desmontar a crença de que o método, ou a técnica, ou a cartilha dependendo do gosto de um ou de outro que alfabetiza. Pra nós o buraco é mais embaixo e é desse buraco que a gente vai tratar hoje.

Vamos tentar entender o que aconteceu na sociedade brasileira pra que hoje final de século - levei um susto hoje de manhã quando tomei consciência que estamos em 1996 e que daqui a quatro anos acontecerá a virada do século - nós ainda temos milhares de pessoas, crianças, jovens, adultos e velhos analfabetos. Quero discutir com vocês porque tanto analfabeto nesse país. E o que o projeto neoliberal que está em curso, ainda que o F.H. diga que não é neoliberal, tem a ver com a produção e manutenção do analfabetismo nesse país.

Em primeiro lugar temos que pensar que a nossa história é complicada porque sempre nos foi ensinada com véus, com um leve cor-de-rosa, como se fosse uma sociedade de harmonia, onde não tivesse havido lutas, onde as questões tivessem sido sempre resolvidas por consenso, por acordos. Aqueles que estudam a história a sério dizem que não é bem isso. É

uma história de muita luta e de muita violência. Quem sabe que a nossa história foi uma história de muita luta e de muita violência não se surpreende nem um pouco que nesse final de século ela continue tão violenta quanto sempre foi. Se vocês forem ver a história dos escravizados que vieram para o Brasil, só vão ver história de violência contra eles que continua até hoje. E o que eu estou chamando de violência contra os negros é que quando você se depara com um negro e com um branco invariavelmente se faz uma pré-avaliação de que o negro é perigoso, ele é elemento, usa até linguagem policial, o negro é elemento, aquele elemento é potencialmente perigoso, se está correndo é porque está fugindo, porque fez um roubo, ou porque está fugindo da polícia. Quando é o branco que está correndo não está fugindo de nada, está correndo em busca da saúde, fazendo o seu cooper. Da mesma forma foi se criando uma outra avaliação que também penaliza os negros:- negro tem muito jeito pra dança, pra esporte, mas é absolutamente incapaz pra altas matemáticas, pra altas abstrações. Essa avaliação foi confirmada no ano passado por um livro publicado nos Estados Unidos, não foi nem no Brasil, chamado A Curva do Sino, em que eles pretendem provar que os negros são inferiores intelectualmente do que os brancos. Desconfiem das pesquisas porque com as estatísticas - até o Roberto Campos que é de extrema direita sempre disse isso - podemos provar o que quisermos, basta manejar bem a estatística. Então, desconfiem sempre.

Da mesma forma na sociedade em que vivemos as mulheres que entram no mercado de trabalho tem que mostrar uma dupla competência para ganhar a metade do salário que o homem ganha para exercer a mesma função. Todas as pesquisas mostram isso. Uma mulher numa sociedade como a nossa tem que ser muitíssimo mais competente do que qualquer homem pra ser reconhecida como competente. E ainda que seja reconhecida como competente o seu salário - a não ser quando é magistério - é sempre menor do que o do homem. Isso sempre foi assim e continua a acontecer na sociedade brasileira.

Por isso, temos que ir lá nas origens, no início da nossa história pensando que nós fomos colonizados por um povo que veio aqui apenas para pilhar. Os portugueses quando vieram

para o Brasil, ainda que alguns livros de história digam que vieram com as suas famílias, eles não vieram com as suas famílias, vieram apenas com o seu dever de pilhagem. Tiraram dessa terra tudo o que puderam, e o pior, não era nem pra eles, passava por eles, que eram mero intermediários dos ingleses que os colonizavam também. Nós fomos colonizados por um povo já colonizado. O que faz uma dupla colonização e que torna o nosso início de história muito mais difícil. Essa nossa história que começa assim tirando dessa terra tudo o que ela tinha e levando todas as riquezas pra fora teve continuidade. Teve continuidade e nós fomos durante muito tempo fornecedores de matéria prima barata e de mão-de-obra barata durante muito tempo. FITA 1 - FINAL DO LADO A

No início dos anos 90 "nós contribuimos" com mais de 180 milhões de dólares pra financiar os problemas que o 1º mundo vivia. O trabalho de todos os brasileiros financiou mais uma vez o primeiro mundo como já havíamos financiado, segundo Eduardo Galeano, a revolução industrial na Inglaterra. Nós financiamos a crise que os Estados Unidos enfrentavam com a sua dívida interna e continuamos a financiar a riqueza cada vez maior do primeiro mundo e a distância cada vez maior entre o primeiro mundo e o terceiro mundo. O que vem acontecendo hoje com a globalização que está se dando? Entender isso é importante para compreendermos porque temos tantos analfabetos nesse país. O processo de globalização da economia e das decisões políticas vem se dando aceleradamente. Nós fomos obrigados a incorporar um modelo de desenvolvimento que é inevitavelmente excludente. Assim tem sido na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina. Por que esse modelo é excludente? Porque é concentrador. E, para que possa concentrar o capital que é indispensável para o desenvolvimento acelerado que as altas tecnologias exigem, é inevitavelmente que se produza o desemprego. É isso o que tem acontecido na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e no Brasil. O que vem acontecendo hoje é que grande contingentes da população vão sendo dispensados do trabalho, ou melhor, vão sendo impedidos de exercer um dos direitos fundamentais de todo ser humano que é o direito ao trabalho. Vivemos numa situação em que longe de termos atingido a sociedade do pleno emprego e a sociedade

do lazer, nós estamos na sociedade do desemprego, do subemprego e da impossibilidade de um lazer criativo.

Mais do que as didáticas, as metodologias e a história da educação que nos é apresentada como neutra, devíamos estar lendo atentamente e criticamente os jornais, ou melhor, lendo criticamente o que os jornais estão nos dizendo o tempo todo. Se nós pegássemos os últimos jornais nós veríamos o seguinte: que está sendo proposto que os trabalhadores que os trabalhadores para garantir o emprego abram mão de todas as conquistas históricas que a classe trabalhadora fez. O que vai acontecer é o seguinte: trabalhador contratado sem carteira assinada, sem garantia de folga semanal, férias, aposentadoria. Trabalhador contratado sem direito ao que o INSS sempre disse que garantiria e por isso nós todos descontávamos do nosso salário alguma coisa substancial para garantir o direito à saúde. Desaparece o Fundo de Garantia. A retórica neoliberal faz a classe trabalhadora acreditar que para garantir o trabalho é preciso abrir mão de todas as garantias que foram conquistadas historicamente.

Participante - Com tudo isso, como se fala ainda em qualidade total?

Regina - Nós vamos chegar na qualidade total que é para tapear trouxa.

Participante - Andei lendo um texto que analisa a relação divulgada pela mídia onde tudo que está ligado a idéia de Estado é ruim, podre, não presta. E que tudo que está ligado ao particular é bom ...

Regina - Nós estamos aprendendo isso. Estão nos ensinando que tudo que é estatal é ruim. Vocês se lembram daquele comercial onde o elefante entrava. O elefante era o Estado, entrava daquele jeito desconjuntado e ia destruindo tudo. Por quê? Porque um dos princípios do neoliberalismo é o da privatização. Um dos princípios do neoliberalismo é o do livre comércio, do livre mercado. Tudo isso nos está sendo ensinado sublimarmente ou

acintosamente dependendo da leitura que a gente vai fazendo e cada um de nós vai internalizando essa falsa idéia de que tudo que é estatal é ruim e tudo que é privado é bom.

Participante -É preciso prestar atenção aos termos livre mercado, livre comércio, a idéia que fica por trás é de uma positividade que ecoa em nós porque é livre, mas na verdade, livre pra quem? Nós teríamos que perguntar como é o jogo de força num país que vive sempre o confronto entre dominados e dominadores, que tem sido espoliado historicamente por dominadores sem nenhum escrúpulo.

Regina - Livre, pra que dizer livre? Livre pra ir e vir, diz o ideário. Pergunto se vocês podem ir e vir a Europa, a Miami ou se vocês estão condenados... Na verdade, a escravidão não só não acabou enquanto metáfora, mas também não acabou enquanto realidade. As pesquisas vem mostrando que os números de escravos no Brasil é crescente. Uma professora da Faculdade de Educação - Lígia Segala, uma antropóloga - foi fazer uma pesquisa no sul da Bahia, na zona da Caueira. A medida que a pesquisa ia avançando, ela descobriu o óbvio -que havia escravos naquelas fazendas de cacau. Ela começou a ser perseguida pelos donos das fazendas com medo do que poderia revelar. Existem escravos completamente e não é só aquele que não pode ir e vir ou que não pode dispor da sua própria vida mas, existe sim, o escravo que trabalha sem ganhar salário, o que não pode sair daquela fazenda para procurar um outro emprego, que é tão maltratado quanto foram os primeiros escravos nesse país.

Eu queria voltar um pouco atrás pra outra questão que você colocou e que é importante aprofundar um pouco para entendermos o porquê de tantos analfabetos nessa sociedade que é o que nos interessa hoje.

Participante - Regina, olha só. Eu estou desde o ano passado vivendo uma experiência muito desagradável no Estado do Rio de Janeiro. Eu sou funcionária do Estado e fui pedir o afastamento do trabalho para estudo. Primeiro a Secretaria de Educação pediu que eu arrumasse uma lei, depois que consegui arrumar fui informada de que a secretária de

educação Prof. Mariléia disse que estava tudo certo, mas só que eu não me enquadrava na lei...

Regina - A quem interessa que você se qualifique? Claro que não interessa porque o conhecimento quando é realmente conhecimento ele é revolucionário. Você não acha que um povo que de fato se apropria do conhecimento (que fosse gerador), não esse que de um modo geral é passado para nós, mas um conhecimento que fosse de fato (gerador), não iria usar esse conhecimento para cortar os interesses dos que nos exploram? Você acha que um povo que de fato tivesse se alfabetizado, no seu sentido mais amplo da alfabetização, ia votar no Collor, ia votar no Fernando Henrique? Estou falando do povo, não estou falando das elites, as elites tem mais é que votar neles. Votam neles porque sabem quem vai defender seus próprios interesses. Agora, quando a gente vê o povo... Nós fizemos essa pesquisa na eleição em que o Collor foi eleito e nós perguntávamos ao trabalhador em quem você vai votar, ele dizia assim: vou votar no Collor. Por que você vai votar no Collor? Claro que eu não vou votar num trabalhador igual a mim, trabalhador não sabe governar, ou então outro dizia assim: claro que eu não vou votar no trabalhador, vou votar no que já é rico, porque rico já é rico e não rouba. Eu ouvi isso, nós ouvimos isso na nossa pesquisa inúmeras vezes. É por isso que você não vai poder fazer o seu mestrado, não interessa. É por isso que nós não conseguimos alfabetizar os nossos alunos, não interessa que eles sejam alfabetizados, quanto mais ignorante melhor. Porque quanto mais ignorância, mais fácil a gente acreditar que o fisiologismo circunstancial, em certos momentos, não só é possível como desejável, como Tasso Gereissati disse na semana passada. Pra que se aceite que o jogo do toma lá da cá, é dando que se recebe é um jogo lícito quando os fins são dignos, é preciso ser muito ignorante, é preciso ter muitos véus que nos impeçam de ver a realidade como de fato ela é. E continuar acreditando não só no discurso deles, como votando de novo neles.

Participante - Quando uma estatal é vendida

Regina - Nós vimos agora no escândalo do Banco Econômico e no escândalo do Banco Nacional. Quem lê jornal, viu. O que aconteceu? Quem é que vai pagar a dívida? Com quem vai ficar o lucro? A privatização no Brasil é absolutamente sui generis. Aliás, o capitalismo no Brasil é absolutamente original porque uma das características do capitalismo nos seus primórdios era o risco. Os primeiros capitalistas - confirmam a história da Inglaterra, dos Estados Unidos - eram homens ousados e aceitavam o risco. Faz parte do sistema capitalista o risco, no Brasil não. No Brasil o sistema capitalista se impõe da forma mais "original" que é o seguinte: o capitalista fica com os lucros e o Estado paga os prejuízos. Por Estado entenda-se a população como um todo. Nós estamos pagando a dívida dos latifundiários brasileiros com o dinheiro do Banco do Brasil. Quando o Banco do Brasil fica sem dinheiro, retoma-se a lógica :ficou no vermelho porque é banco estatal, porque se ele fosse um banco privado obviamente que daria lucro. Só que nenhum banco privado financia a dívida do Econômico, ou do Nacional, nem do impacto que está vivendo a agricultura brasileira. Quem financia é o Banco do Brasil. E o que isso provoca? Reforça a crítica a tudo que é estatal. Sobre o Banco do Brasil é importante também estar atento às propagandas mais recentes, leiam nos jornais e vejam na televisão, leiam o que está sendo dito e o que não é dito, pra quem sabe ler está lá. O presidente do Banco do Brasil aparece e diz :- nós agora não seremos apenas o maior banco do Brasil, mas seremos o melhor banco do Brasil. Por quê? Porque vão privatizar. Isso vai passando e entrando em nosso imaginário e daqui a pouco estamos todos nós repetindo o mesmo discurso, porque é assim que se constroem as ideologias. Da mesma forma que temos o Angelo Calmon de Sá ou os Magalhães Pinto que, segundo tudo está indicando, desviaram o dinheiro dos clientes tanto do Econômico, quanto do Nacional e já mandaram esse dinheiro para longe há muito tempo para fora do Brasil, temos também que ambos estão soltos, ambos continuam vivendo nas suas grandes mansões com os seus mordomos, continua tudo igual como sempre foi. No entanto, aqueles que estão lutando pelo direito à terra vão presos. É assim que acontece. A Diolinda esteve presa durante aqueles dias, o Rainha esteve foragido para não ser preso. O direito a propriedade é sobreposto ao direito ao trabalho e a vida. Quem está lutando pelo direito ao trabalho, à terra para trabalhar é preso. Quem tem terra e deixa essas terras amadurecendo só para

valorizarem e não planta nessas terras é preservado. Em nome de que? Do sagrado direito à propriedade. É isso que vem acontecendo.

Participante - O argumento principal que foi lançado aqui que a falta de investimentos na educação, se dá com vistas a perpetuar a ignorância e, por sua vez, perpetuar a classe dominante uma vez que se a população não fosse ignorante votaria nos elementos do sindicato, é um argumento válido mas não tem muita força. Porque também dentro da universidade se votou no F.H.C. Não foram apenas as pessoas da classe favorecida, da classe dos ignorantes que votaram. Do meu ponto de vista a astúcia do capital vai um pouco além

Nas universidades todo mundo é consciente, fala-se muito em hegemonia, em neoliberalismo. Eu queria que apontássemos aqui para a contra-hegemonia. Como que pode emergir da classe popular dominada elementos contra-hegemônicos que venham reverter esse quadro. Porque falar do problema durante cinco, seis, sete anos não resolve. Quero saber, não de você, mas de todo mundo que está aqui a solução. Como a classe popular vai conseguir falar, se organizar e refletir sobre o aspecto contra-hegemônico. Como vai dar o troco, tendo em vista que, no fenômeno neoliberal as pessoas preferem calar-se. Por exemplo, agora somos 2600 bolsistas do Estado sem receber há um ano e um mês. Passo na secretaria e já marcamos umas trinta reuniões e ninguém vem. Já existem seis procurações assinadas, as pessoas acham que exercer o seu direito de cidadão é crime. A pressão é muito forte. O aspecto contra-hegemônico também pode ser discutido a partir do interior da universidade: é o professor doutor que não participa do processo de transição, são os alunos que vem para a universidade para brincar. Por exemplo: neste momento está havendo lá em baixo uma assembléia de estudantes para discutir também a questão neoliberal, quantos alunos estarão presentes? Como vamos falar em contra-hegemonia se a alienação acadêmica se perpetua? Pessoas que vem para a universidade brincar. A alienação também está aqui em cima no 3º grau, quem sabe lá no 4º, 5º grau. Essa minha afirmação gerou até uma retaliação...

Regina - Vou concordar com você, mas acho que vale a pena aprofundar um pouco essas questões. Ninguém está dizendo aqui que os donos do poder maquiavelicamente querem matar a população, são demônios, não é disso que a gente está falando. O que estamos dizendo é que a classe dominante mantém ao seu redor uma relação orgânica, coisa que o povo não consegue enxergar. É importante falar sobre movimentos contra-hegemônicos já que o povo não os vem fazendo. Quando vejo uma Diolinda ou um Rainha, quando vejo de um modo geral o movimento dos sem-terra isso me anuncia uma possibilidade nova: de capacidade de organização, de criar estratégias e de possibilitar encontros entre intelectuais e povo. Você está usando uma linguagem gramsciana quando fala em hegemonia e contra-hegemonia, vamos a isso. Quando você vê um líder dos sem-terra, tomando Rainha como emblemático - ele não é o único, tem inúmeros - mas tomando o Rainha que foi o que ficou mais conhecido nesse movimento e quando você vê o S..... que é um intelectual importante, escritor, economista e que trabalha junto com os sem-terra no sentido de construir, desenvolver e avaliar estratégias. Eu posso bolar uma estratégia mirabolante, mas se não colocá-la em ação e, ao mesmo tempo, se não for avaliando-a durante o processo e a partir daí criando novas estratégias, não avanço. Se você acompanhar o movimento dos sem-terra vai ver como eles fazem uma cuidadosíssima e competéntíssima avaliação de cada passo que dão e a cada passo dado avaliam seriamente e constroem novas estratégias. Eu não sei se vocês viram hoje a Diolinda dizendo que eles agora vão trabalhar nas cidades, vão mobilizar os sem-terra e os sem-teto da cidade ou seja, o movimento deles se amplia. Na minha humilde avaliação é o que está acontecendo de mais importante nesse país hoje. E que nós deveríamos estar aprendendo com o que está acontecendo. FITA 1 - FIM DO LADO B

Regina - Quero discutir com vocês o que seriam conteúdos de um curso de alfabetização. Isso me parece mais importante do que discutir o método da dona fulaninha, o que são conteúdos efetivos de alfabetização, o que é que a alfabetização pode possibilitar a alguém ao aprender a ler o mundo e a ler a escrita. Por qual caminho a gente chega a aprender a ler o mundo e a ler a escrita, porque é só pra isso que serve aprender a ler e a escrever. Se for

aprender a ler a escrita pra dizer que a pata cola a mala da macaca, eu prefiro que nem comece.

Participante - Quando eu falei brincar...Uma coisa que me incomoda profundamente..... Se o pessoal orgânico já não surge da universidade, surge da própria essência do povo.

Regina - Eu acho que você está sendo radical no mau sentido. O sentido que dou a radical é ir a raiz, acho que você não está indo a raiz. Acho que você está sendo um pouco sectário, mas eu quero voltar a essa discussão que me parece fundamental. Acho que teríamos algo a dizer, alunos e professores, sobre como é que foi sendo produzida a alienação da universidade. A minha avaliação, absolutamente pessoal, e eu queria ouvir a de meus colegas, é que a universidade foi sendo destruída na medida em que foi se deixando corromper sem saber. Os fatos aparentemente isolados quando são vistos a partir de uma leitura totalizadora possibilita a compreensão. Como exemplo, podemos falar das aposentadorias. Seria impensável em qualquer lugar do mundo que o professor aposentasse e voltasse ao trabalho. Mas nós comemos dessa bala, mordemos essa isca em minha avaliação. Lembro-me de quando começaram as ameaças - o Collor vai tirar todo mundo, vai fazer não sei o que, vai acabar com a aposentadoria, todo mundo ficou com medo. Eu propus que se fizesse uma discussão política. Com medo as pessoas se aposentaram. Poderia dar outros exemplos sobre nós enquanto pesquisadores. Como as verbas são poucas, o que foi acontecendo? O meu companheiro passou a ser meu inimigo. Ele estava lutando pelas mesmas verbas do que eu. Ao invés de se fortalecer uma solidariedade entre nós capaz de identificar quem era o verdadeiro inimigo, nós nos transformamos em inimigos uns dos outros, porque estávamos todos lutando pelas mesmas conquistas - as verbas. A mesma coisa acontece hoje com o problema do desemprego, o que vem acontecendo na medida em que aumenta o desemprego, inevitavelmente se rompe a solidariedade, ou não? Por quê? Porque o meu companheiro passa a ser meu inimigo lutando pelos poucos empregos que existem, as poucas oportunidades, e aí o que vai acontecendo no mundo? O movimento sindical foi se fragilizando, foi enfraquecendo e é por isso que você chama para uma

assembléia hoje e vão quarenta gatos pingados. Fui abrir o encontro do Sepe no ano passado e fiquei absolutamente deprimida, sabe por quê? Porque já havia feito isso em outros tempos em que o Sepe enchia aquela concha acústica, Vocês se lembram disso? O que tem um pouco mais de idade lembram disso. Aquela concha acústica ficava repleta de professor. Sabe aonde é que nós abrimos o encontro do ano passado? Numa das salas da UERJ e não estava cheio. O que está acontecendo no movimento sindical maior, saindo do Sepe que é o sindicato dos professores? Vamos sair do Brasil e pensar no mundo e no que vem acontecendo. O movimento sindical está absolutamente esvaziado no mundo inteiro, não é aqui não, é no mundo inteiro. Vocês sabem como começou isso? Isso começou quando a Margaret Thatcher peitou o grupo sindical mais forte do mundo que era os mineiros ingleses. Durante dois anos ela segurou aquela greve e com isso quebrou a espinha dorsal do movimento sindical no mundo. Vamos refletir sobre o nosso lado. Pelo lado deles foram extremamente competentes porque é o que interessa a eles - um movimento sindical fraco. A nós o que interessaria - um movimento sindical forte? O que aconteceu conosco? Por que o desafio é absolutamente procedente nesse momento? Nós fomos incapazes de renovar o movimento sindical. E renovar o movimento sindical não é virar Medeiros, não é disso que eu estou falando, é de tentar novas estratégias. Nós não estamos conseguindo nos situar, não é nos adequar, porque adequar já estamos fazendo, mas nós não estamos conseguindo nos situar num novo momento histórico em que teríamos de usar outras estratégias e não aquelas que estamos usando. Greve é tudo o que eles querem. Não podemos esquecer que eles conhecem todas as nossas estratégias, porque eles vem do mesmo lugar que nós. Eles saíram da universidade, então, eles conhecem tudo. Além de terem saído da universidade, teorizavam sobre as construções sólidas. José Serra foi líder estudantil, até o gordão Motta foi líder estudantil, então, eles sabem muito bem como a coisa funciona e sabem como lutar contra o movimento sindical. Nós é que não estamos sabendo o que fazer.

Participante - Queria dizer que houve uma colocação aqui que considerei uma superestimação da universidade. Acho que a universidade tem que ser historicamente um foco de resistência porém, o exemplo que a Regina trouxe aqui representa uma amostra bem

mais consistente do que venha a ser o processo transformador. A universidade tem um papel, manter o foco da resistência pois é o locus da produção do saber. Mas acho também que o próprio exemplo que a Regina nos deu sobre os sem-terra oferece uma visão muito mais significativa que não cabe somente a ela esse papel.

Regina - A universidade, porque foi historicamente um espaço de elite, foi e continua sendo, vai ter muita dificuldade pra compreender o conhecimento que é produzido na luta, na prática, nos movimentos sindicais. O que acontece, então? O conhecimento hegemônico na universidade é o conhecimento produzido ou apropriado pelas elites. Movimento contra-hegemônico na universidade na minha avaliação, vem sendo feito por alguns teóricos, há algum tempo. O João, por exemplo, trabalha com o autor que nós trabalhamos também que é o José de Souza Martim, que teoriza sobre o movimento no campo. Autores como ele desviaram o seu olhar do conhecimento chamado erudito para o conhecimento popular, o que não significa que estão fazendo apologia da ignorância. Não fazem o discurso do povo que sabe tudo, não é isso. Fazem o discurso de que o povo sabe. O problema é que quando vamos investigar o que o povo diz e sabe, acabamos olhando para o povo com as nossas mentes distorcidas, comparando o que o povo sabe e fala com aquilo que nós predefinimos que é a verdade científica.

É a mesma coisa que acontece com vocês quando vão para a escola e se deparam com os alunos das classes populares e que, ao invés de reconhecer que aquelas crianças não são tábula rasa pois trazem conhecimentos sobre o mundo, sobre a linguagem escrita a que estão expostas no seu cotidiano, deixamos aquilo tudo do lado de fora da porta e começamos a ensinar como se fosse a fala inaugural daquela criança e ela fosse reaprender a falar. Ora, alguém que é desqualificado no seu falar como é que pode fazer uma trajetória que seria desejável que é a de ter a consciência de possuir a proficiência da fala quando entra para a escola. Qualquer criança de 3 anos tem a proficiência da fala quando entra na escola. Ela fala, se comunica, estabelece diálogos, faz inferências, avalia, tem uma visão de mundo. A criança traz um saber quando entra na escola. Ora, se sobre esse saber eu coloco

um outro saber que desqualifica o saber anterior, impeço aquela criança que já tem a proficiência da linguagem oral de avançar e descobrir que tudo aquilo que ela fala ela também pode escrever. Esse é o caminho natural de qualquer criança de classe média. É por isso que muitas vezes se diz que a criança de classe média teve um estalo, que aprendeu sozinha. Ela não aprendeu sozinha coisa nenhuma, aprendeu no mundo no qual vive, só que não deram um corte num processo que ela estava vivendo desde que nasceu. Antes até de nascer, pois as pesquisas dizem que quando uma criança ainda está na barriga da mãe ela já é capaz de reconhecer a voz da mãe. Ela já está aprendendo antes de nascer. Outro dia li uma reportagem que me deixou impressionadíssima dizendo que a criança decide como vai nascer. Como é que se pode dizer que uma criança ao entrar para a escola não sabe nada. Agora é claro, que essa criança que ao entrar para a escola já é desqualificada na porta, está sendo condenando ao fracasso desde o início de sua escolaridade. É sobre isso que estava falando quando me referia a produção da ignorância.

É importante porém, que tenhamos a clareza de que não é só isso que acontece. Não é apenas que as crianças das classes populares, as crianças negras e mestiças, as crianças que vem das favelas quando entram na escola não só são discriminadas como são excluídas do conhecimento ao qual você se refere, da mesma forma aqui na academia. Quando vocês denunciam, alguém aqui denunciou que vem para a universidade e continua a ouvir a confirmação do discurso oficial, obviamente que esse conhecimento é um conhecimento mascarador da realidade. Mas também estamos falando aqui de um conhecimento revelador da realidade. Enquanto professores temos um papel que alguns de nós desempenhamos, uns mais, outros menos, outros nada que é de entender que formar um professor não é ensinar didática da matemática, didática da história, que me perdoem os professores de didática, ou então a metodologia do ensino da ciência, que me perdoem os metodólogos desse negócio. Para se formar um professor é preciso que ele mergulhe na sociedade na qual vive, compreenda essa sociedade e compreenda qual é o papel do conhecimento ou da ignorância pra manter ou mudar essa sociedade. É nesse momento que deve entrar a análise sobre as antenas parabólicas do Dr. F.H.C. Porque quando se uniformiza o conhecimento,

mandando-o sob forma de pacote para a escola, fazendo com que todos vejam a mesma coisa e aprendam do mesmo ângulo, impossibilitando que alguém possa propor outras formas de ler a mesma realidade; quando se dispensa o professor desse papel e o substitui pelo pacote pedagógico, evidentemente que o que está sendo criado, e que é indispensável pra que essa brincadeira dê certo, é o controle.

Controla-se tudo o que acontece nas escolas sem precisar estar lá em nome do aperfeiçoamento dos professores. O que está sendo feito, na verdade, é uniformizar a informação que vai chegar às escolas e informação é diferente de conhecimento. Uma coisa é passar mera informação, alguém joga, o outro internaliza e passa a repetir igual ao macaquito. A outra coisa é o conhecimento que elaborado que está sendo aqui por vocês e por mim. Não acredito que alguém "educado", melhor dizendo instruído, a partir de antenas parabólicas vai poder participar de um debate como o nosso aqui, dificilmente. E isso é parte da construção de uma ideologia, por quê? Voltamos ao modelo neoliberal. Esse modelo não precisa muita gente que sabe, precisa uns poucos, muitos poucos altamente qualificados pra cumprir um papel numa sociedade altamente industrializada com tecnologia de ponta que é onde eles pretendem chegar. Alguns poucos vão ser os intermediários, o resto vai ficar com a escola dos excluídos, uma escola com uma professora que obviamente não vai fazer mestrado...

Uma coisa é termos consciência disso e a outra coisa é ocuparmos alguns espaços como esse de hoje pra se construir e, quem sabe, começar a organizar o movimento contra-hegemônico. Porque é evidente que os sem-terra não começaram com o vigor que eles tem hoje, eram poucos.

Participante - Mas é por isso que quando vem o neoliberalismo ou qualquer outro tipo de politicagem a primeira coisa que eles querem desarticular é a educação. É por isso que eu acho que a gente tem de pensar em nossa importância dentro da sociedade e encontrar espaços para discutir, para se unir, para se organizar....

Participante - Recuperando a questão da metodologia, eu gostaria de pensar até que ponto a metodologia é uma coisa ruim na escola. Uma das grandes armas do governo é trabalhar com o lado intuitivo, ele sabe exatamente onde ele pode pegar a pessoa, exatamente. Para a professora a questão da forma é muito importante, como que vai conduzir sua aula, como vai trabalhar com seus alunos. Muitas vezes eu prefiro ter uma aula sem conteúdo nenhum, só na forma mesmo, procuro conseguir uma integração com os alunos e captar a atenção deles preparando-os para um trabalho mais adiante. Tenho conseguido muito mais coisas com os meus alunos trabalhando dessa forma, trazendo a questão lúdica pra dentro da sala de aula, estabelecendo um vínculo com eles, não um vínculo simplesmente professor e alunos, mas um vínculo muito mais forte que isso. Tenho conseguido muito mais coisas usando a linguagem televisiva. Se vocês viram a novela das oito esta semana estava lá aquela mulher dizendo: *-Salgadinho vou votar nesse homem porque ele é bonito. Eu não vou passar quatro anos vendo um homem feio na televisão!* A televisão capta a fala e a linguagem que a população quer ouvir. Fala a linguagem do sentido, puxa pela emoção e comunica a verdade dela por esse lado. Por isso questiono muito como é trabalhado os conteúdos nas escolas. Em qual forma? Também aí existe um currículo oculto porque não existe só conteúdo, existe um currículo oculto também por trás da forma como se trabalha. A forma como levo a minha aula também determina um tipo de postura, contribui para formar uma visão de mundo...

Participante - Em seu livro *Cartas Londrinas*, Regina traz um exemplo de uma professora - que até deu aulas para vocês - a professora Rosa que começou a alfabetizar com palavrões pois foi a única forma que conseguiu para alfabetizar seus alunos. Quando Regina coloca a questão da metodologia há uma certa radicalização pelo exagero dos tecnicistas que acham que tem que ser assim, assado. Quando você coloca essa questão é muito mais no sentido de estabelecimento de uma relação que tem que ser construída na sala de aula. Porque é importante que você possa realmente desenvolver uma forma de trabalhar a sua classe.

Participante - Eu sou professora de metodologia e fiquei pensando assim: as pessoas que lidam com metodologia se não conhecem a Regina de longa data podem entender de uma outra forma. Porque há metodologia e metodologias. Há uma metodologia que é um conjunto de ações pré-determinadas: leve esse pacote, faça assim e será sempre assim em qualquer tempo, com qualquer aluno, em qualquer lugar. Quando fazemos isso, e eu passei 27 anos da minha vida na escola pública, nos sentimos traídas porque você vai com a receita pronta que bem afiada curaria o doente e a receita não funciona. Você se pergunta o que falhou, se sente enganada e porque não consegue alfabetizar todo mundo. Há um outro tipo de metodologia que não é essa do pacote. É a metodologia que recupera o sentido etimológico da palavra método e que leva você à raiz para encontrar o caminho. Assim você pode encontrar esse ponto, por exemplo, que a TV explora muito, que é lançar âncora em alguma coisa que é da sua essência enquanto ser. No entanto, a TV cria uma pseudo interação que é uma interação de superfície que apaga o ego do telespectador e não vai fazer ninguém ser mais. Você se sente no primeiro momento compensado por essa coisinha tão interessante, pelo programa. Mas, o que a gente tem de buscar numa metodologia que não seja essa coisa superficial e muito menos um receituário é buscar dar sentido ao fazer e para dar sentido ao fazer vai ter que mergulhar e ir muito fundo pra buscar aquilo que a TV faz, mas em benefício dela, da ótica dela que é a do consumo e reverter tudo isso em função de uma outra ordem que é a ordem de fazer o outro se acreditar potente, acreditar que ele pode construir e que ele é um produtor do conhecimento, que é um criativo produtor de linguagem. Nesse sentido muda tudo, mas, nesse momento você já está fazendo a crítica da metodologia e trabalhando com aquilo que é realmente essencial e não um pacotinho que engana porque você acredita que vai dar certo.

Devo confessar o seguinte: durante muito tempo, eu tive uma posição muito próxima do menino que radicalizou no sentido de generalizar tudo, porque como professora quando via chegar alguém da Faculdade de Educação - e naquele tempo os professores da faculdade de educação ganhavam melhor, chegavam de salto alto, cabelo feito no cabeleireiro - eu pensava assim: o que esta senhora tem a me dizer se ela nunca deu aula nas condições em

que dou, com alunos em pé porque não tem cadeira? O que esta senhora tem a me dizer se não conhece a realidade que conheço, o mau cheiro perpétuo, a falta de higiene que me obrigava a viver numa situação contraditória: discutir higiene com os alunos sendo a escola o lugar da não higiene. Para quem viveu isso tudo é certo que a metodologia pequena não dá conta e, no entanto, hoje sou professora de metodologia porque penso que dentro da metodologia você pode virar a metodologia de cabeça pra baixo, mostrando aquilo que estava escondido e tentando desconstruir e construir em outras bases. FITA 2 - FIM DO LADO A

Participante - (...) Acho que você está fazendo uma atividade que mereceria ser transmitida de parabólica para outras cidades. Acho que se a Universidade Federal Fluminense conseguisse articular que esse debate sobre Neoliberalismo e Alfabetização fosse transmitido através da TVE, para chegar até a outras pessoas que não puderam chegar até aqui nessa discussão, acredito que isso contribuiria para criar uma contra-hegemonia. Digo isso porque em 1945 Moscou trabalhava educação à distância junto com as universidades. Em Londres a universidade aberta trabalhava e trabalha até hoje. Em 1955/1960 começou uma universidade em Paris aberta para os trabalhadores. Não vejo porque temos que ficar tanto contra a história. Sonho com um dia em que a universidade ou pessoal da TVE esteja transmitindo esse tipo de aula para um público maior. Nesse momento acho que a questão da contra-hegemonia vai estar sendo realmente construída dentro da universidade. Você está de parabéns.

Regina - Sonho com uma universidade que seja um pouco mais permeável, um pouco mais aberta. Quando você fala TE não acredito porque está no poder do governo . Você acha que o que vai ser transmitido pelas antenas de televisão vai ser esse tipo de debate? Não vai. E tem outra coisa João, uma coisa é o debate ao vivo, a outra é a transmissão do debate ao vivo. Seria bom se a gente pudesse estar falando pra muito mais gente e eles de lá respondendo, seria ótimo, claro que seria ótimo. João, em nenhum momento estou contra a televisão, não é isso não, o problema é o uso que esse governo vai fazer da televisão. A

televisão na verdade é neutra no sentido de que você faz com ela o que você quer. E é essa que é a questão. Obviamente que eles não comparecem, não são trouxas.

Participante - Queria contar um caso que me revoltou muito sobre o uso dos meios de comunicação de massas já que a Regina está colocando o problema sobre o uso deles. No Jornal do Brasil de uns vinte dias atrás uma menina da Escola Paulo de Frontin escreveu uma carta fazendo uma série de denúncias. No dia seguinte choveram cartas para o JB em apoio a aluna estudante. No outro dia o JB faz uma entrevista com ela de uma página inteira. No outro dia uma escola particular oferece a ela uma bolsa de estudo. No último dia a Faculdade da Cidade oferece 135 bolsas para a escola Paulo de Frontin.....

Regina - Em nome da vigésima quinta hora fica aprovado a eficiência da escola particular, logo, bom pra eles.

Participante - Na faculdade encontrei novas leituras que me possibilitam novos olhares. Eu tinha uma visão mais radical. Hoje com as leituras que fiz no mestrado vi que perdi um tempo enorme, pois quando entrei aqui ainda era professora da escola pública - me aposentei recentemente - percebi que teria tido a oportunidade riquíssima de entender a minha prática se fizesse o mestrado antes, mas eu achava

Participante - Pra encerrar o seguinte: o que estou fazendo aqui é muito mais um apelo dramático que propriamente uma crítica a universidade. Um apelo dramático para gente poder acordar e investir na construção de uma contra-hegemonia. Chega de acomodação..

Regina - Jorge, quero que você continue muito radical. Quero pensar junto com você como deveria ser a escola. Você disse que começou lá embaixo. A escola não é para classe trabalhadora. Ela não só foi como continua a ser negada à classe trabalhadora. Quem não souber disso entra no bonde errado, porque entra pensando que já está dentro. Não está dentro, não. Nesse momento é que começa a lascação maior, por quê? É uma coisa que a gente discute muito. Nós temos um curso de pós-graduação do qual fazem parte alguns dos

presentes. Nesse curso de pós-graduação temos discutido seriamente sobre essa questão. Quantas barreiras um aluno das classes populares vai ter que vencer para conseguir ficar na escola: a primeira de entrar para a escola, depois de ficar analfabeto, porque é pra ficar - as estatísticas falam de seis, oito, nove anos na primeira série - ele sabe que tem que aprender a ler e escrever e que a responsabilidade é dele se não conseguir. Vence todas as barreiras do primeiro grau, do segundo grau, do terceiro grau, se forma e faz um curso de pós-graduação lato-sensu que é entre a graduação e o mestrado, muito bem. Conseguiu vencer todas as barreiras. Parece que chegou lá. Só que ele tem de saber que o preço que vai pagar é altíssimo para lá ficar. O que não significa passar um ano tapeando a si mesmo, porque na verdade quem paga é ele mesmo e no final apanhar um certificado que vale muito pouco. Se ele, de fato, quiser ficar e tirar dali uma substância que vai ser importante para a vida dele profissional, pessoal, como homem, como mulher, vai precisar batalhar muito. O que eu queria que os alunos compreendessem é que a universidade não foi feita para a classe trabalhadora. Os alunos das classe populares estão na universidade para arrombar uma porta que sempre esteve fechada para eles. E eles tem que entender que para ficar na universidade precisam aprender a fazer como você, por exemplo: pedir a palavra, escrever o que vai falar, fazer as suas anotações, organizar o seu pensamento com propriedade, mostrar fundamentação naquilo que vai dizer, não gaguejar porque sabe o que vai falar. Você mostrou aqui o que qualquer aluno da universidade deveria saber. Por outro lado, nós professores deveríamos estar dentro da universidade, em primeiro lugar, mostrando claramente para os alunos que a universidade não é espaço para a classe trabalhadora. Quem disse isso está mentindo, não é verdade. A UFF quando diz que somos uma universidade aberta para os trabalhadores está mentindo porque não é. Porque se fosse, de fato, todos nós professores teríamos que mudar a nossa prática. Alguns de nós atuam no sentido de que a UFF se torne um espaço possível para a classe trabalhadora, mas não é para entrar feito esquerda festiva, acreditando que já ganhou. Ser pobre, negro, vir da classe trabalhadora nesse país significa pagar um preço altíssimo para sair de onde estava quando entrou. E para não mudar a sua vida é melhor não entrar. Se você não entrar numa universidade e sair melhor municiado para mudar essa sociedade, é melhor não entrar. É para que você

enquanto parte de um todo, de uma classe, de um grupo sócio-cultural possa contribuir pra mudar essa sociedade. É isso o que eu entendo que estamos fazendo aqui, alguns de nós. Para que isso aconteça você tem que saber que vai ter que pagar um preço muito alto, porque enquanto o menininho burguês ou a menininha burguesa tira de letra a escola - se não tirar, aí sim, tem que mandar para o médico que é aluno especial, tem algum problema - os alunos da classe popular tem que pagar um preço altíssimo. É só pensar o que significa ter como única obrigação estudar. Alguém que tem uma história de leitor e que, portanto, leu muito e porque leu muito, possui uma fluência na leitura e lê rápido. Enquanto aquele está lendo cinco livros, este está brigando pelo primeiro livro. Tem que saber disso. Tem que saber que quando você volta do trabalho exausto, o seu corpo está pedindo cama e o seu olho já está fechando, você tem que botar dois palitos, estudar naquela hora enquanto o outro vai dormir porque no dia seguinte ele acorda inteiro e tudo é mais fácil pra ele. Se não dissermos isso para o aluno, acho que estamos fazendo a maior sacanagem que alguém pode fazer com o aluno. Porque ele vai pensar que tudo vai ser fácil e não vai ser fácil. Quando chega uma professora e diz que tem que ler isso e aquilo, que o curso não é de graduação é de pós-graduação, o aluno tem que refletir que essa professora sabe das coisas, ou não sabe? Se você sair de um curso de pós-graduação e não tiver se apropriado de um conhecimento além do que seria um curso de graduação, da mesma forma se você não sair de um curso de graduação sabendo mais do que você sairia de um curso de segundo grau, alguma coisa está errada. Agora se você no segundo grau não aprendeu um pouco mais do que aprendeu no primeiro grau, está tudo errado. Para que um aluno da classe popular faça essa trajetória ele não pode ser enganado de que vai ser sopa, porque não vai ser sopa e isso não significa dizer que ele é inferior. Outro dia vieram me cobrar dizendo que esse discurso é perigoso pois pode parecer que você está dizendo que quem é de classe popular nunca vai chegar lá. O que eu estou dizendo é uma outra coisa. O esforço que um aluno de classe popular tem que fazer não pode ser comparado com o esforço que um menino burguês tem que fazer. O que eu estou dizendo é que as dificuldades que o aluno de classe popular encontra em toda a sua escolaridade desde a pré- escola é muito maior do que as facilidades que encontra uma criança de classe média burguesa. O circo da escola é armado para que a criança de classe

média se dê bem, porque tudo é feito pra ela. Em primeiro lugar porque a variedade linguística que se fala é a dela. Em segundo lugar porque a cultura que ela traz é valorizada. Em terceiro lugar porque os valores são semelhantes. Em quarto lugar porque ela tem todo o endosso que está fazendo muito mais do que a escola pode sonhar em fazer. A escola para a criança burguesa é simplesmente um espaço de síntese de todas as experiências riquíssimas que ela vive em seu cotidiano e que a escola valoriza. Não é que o menino da classe popular não queira essas experiências, só que elas ficam na porta, do lado de fora.

Quando a gente está querendo fazer uma escola que esteja afinada ao movimento contra-hegemônico isso tudo tem que ser dito com muita veemência, tem que ser mostrado com muita clareza. Temos que pensar também como vão ser construídas as metodologias, como vão ser selecionados os conteúdos, como é que vamos trabalhar para possibilitar que esses alunos um dia cheguem a se colocar como você que chega no auditório, pega a palavra, fala com desenvoltura, com segurança. Outro dia li um artigo do Rainha na folha de São Paulo e fiquei pensando qual a formação que ele teve para chegar a isso! Claro que ele não nasceu sabendo. É claro também que não foi apenas no movimento dos sem-terra que ele aprendeu tudo isso. No dia seguinte, leio uma outra notícia dizendo que o movimento dos sem-terra está preocupado em criar escolas para alfabetizar todas as crianças do movimento. Sabem o valor potencial da escola. Mas, no Brasil a escola só tem valor potencial. O valor só se torna real se transformarmos aquele potencial em real. Não é real quando fazemos os alunos de um curso de pedagogia acreditarem que pra alfabetizar basta saber metodologia. Isso não dá conta. Posso aprender de cor e salteado, da frente pra trás o método da fulaninha, da beltraninha, da ciclaninha, que não dá conta disso que estamos discutindo hoje. É sobre isso que eu estava querendo falar o tempo todo. Nós só vamos alfabetizar as nossas crianças se houver vontade política em primeiro lugar. Depois, muito depois, lá embaixo é que vem as outras coisas. E para que haja vontade política é preciso que compreendamos com clareza essa sociedade sacana, discriminadora, excludente e da qual grande parte desse auditório é vítima. Enquanto não entender que é vítima, fica pensando que é privilegiado, chega aqui e

se lasca, tendo que pagar um preço muito alto para daqui tirar alguma coisa que valha a pena, senão só vai levar um diploma.

Ser mulher numa sociedade machista. É raro ver o que eu vi hoje. Um rapaz carregando um bebezinho no carrinho. Fiquei olhando, que maravilha ele está dividindo as tarefas com a sua mulher. Quem de vocês aqui divide com o seu companheiro as tarefas da casa, conta nos dedos. Estas coisas todas estão em questão quando a gente está pensando a questão da alfabetização. Até o próximo mês. FITA 2 - FIM DO LADO B